

## ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “LINHA DE CORTE”: ASPECTOS RELACIONADOS AO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA NO TRABALHO

**Mariana Moutinho Chagas** (IE/UFMT) – marimoutinhochagas@gmail.com

**Natália Rossetto Biezus** (IE/UFMT) – natalia\_rbiezus@hotmail.com

**Wilker Sherman Barcelos Andrade** (IE/UFMT) – wilker.sherman@gmail.com

GT 16 – Trabalho e Educação

### Resumo:

Considerando as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores em decorrência do crescimento massivo da agroindústria e das suas consequências na vida daqueles que vivem, ou melhor, sobrevivem a ele, o seguinte trabalho objetiva aludir sobre as condições de vida e de trabalho dos indivíduos, assim como de grupos e de como se relacionam com a sua saúde, tanta física quanto mental. As problemáticas encontradas giram em torno de questões como o parco equipamento de proteção fornecido, a baixa remuneração por eles recebida, em contrapartida com os grandes e intensos períodos trabalhados. Nesse sentido, foi executado um levantamento bibliográfico sobre os Determinantes Sociais da Saúde e Trabalho, e a partir disso foi realizada a correlação com a leitura e com os relatos expostos no documentário “Linha de Corte”. Ademais, foi possível perceber a precarização da situação de trabalho como também as suas consequências para a saúde. Para além disso, também fica explícito a negligência do Estado, assim sendo, se faz necessário que a curto prazo, pense-se em uma melhoria das condições de saúde e trabalho enfrentadas pelos trabalhadores, já em médio e longo prazo, realizar ações sobre as questões agrárias e aos seus enfrentamentos.

**Palavras-chave:** Determinantes Sociais da Saúde. Trabalho. Agronegócio.

### 1 Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1946 define, em sua constituição, a saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2006). De fato, a definição se torna um ponto de partida por ser em si problemática. Isto, porque coloca a saúde como um estado de “perfeito” equilíbrio entre o bem-estar físico, mental e social, já indicando uma condição absoluta em que o sujeito, ou tem saúde e encontra-se em completo equilíbrio entre bem-estar físico, mental e social (modelo biopsicossocial), ou encontra-se em desequilíbrio.

A saúde não se restringe ao caráter biológico e individual, mas se corporifica como um processo social. Partindo dessa premissa, rompe-se com a concepção de que saúde significa ausência de doença. Conceber a saúde como um processo social significa entender que o homem é um ser social que vive em articulação dinâmica com a sociedade, sendo o trabalho uma categoria predominante. Dessa forma, indivíduo e sociedade estão imersos em um processo complexo de interação, onde os aspectos sociais, biológicos, individuais e coletivos do sujeito estão engendrados em articulação nas relações sociais. Desse modo, a saúde é algo complexo, não imutável e estático, não podendo ser, assim, definida aprioristicamente (SOUZA, 2016).

Nesse ínterim, conforme pontua Souza (2016), existe uma relação entre trabalho, ser social e saúde. Isso porque, não há como separar a sociedade dos seus membros, uma vez que não há uma sociedade que não esteja articulada com os sujeitos singulares, da mesma forma como esses sujeitos não existem de forma isolada (NETTO & BRAZ, 2007).

Nessa perspectiva, Laurell (1982) explicita que o processo saúde-doença é determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza em um determinado tempo histórico, apropriação esta, realizada através do trabalho e dos processos de produção. Sendo assim, conforme o autor, o processo saúde-doença tem um caráter social por ser determinado socialmente, isto é, fatores biológicos não são suficientes para explicar esse processo. Até mesmo porque a normalidade biológica do homem não pode ser explicada fora do seu momento histórico, sendo necessário esclarecer como ela se articula no processo social.

Neves et al. (2020) menciona que discutir sobre sofrimento e adoecimento psíquico é falar a respeito das vivências de outras pessoas em consonância com o mundo concreto e coletivo, como também em conjunto com a sua corporalidade e linguagem. Nesse sentido, segundo Breilh (2006, 2015, apud NEVES et al. 2020, p. 234), a perspectiva materialista histórico-dialética entende o adoecimento mental como um conceito mais complexo, onde as experiências individuais, tais como: a história de vida, pré-disposição genética e as idiossincrasias são definidas e estabelecidas de modo dialético pela posição social que o sujeito preenche dentro das relações de produção e reprodução social da vida humana. Logo, por mais que vivências sejam individuais e inerentes, o sofrimento mental, como, também, os transtornos de cunho psicológico,

resultam de questões econômicas, culturais e políticas, que sempre devem ser levadas em consideração quando se tem o objetivo de realizar pesquisas sobre o tema e principalmente ao se pensar e promover intervenções.

Nessa perspectiva, para a construção dessa discussão traça-se paralelos com o documentário “Linha de Corte”, dirigido e roteirizado por Beto Novaes em 2013. Esse documentário mostra a realidade dos cortadores de cana da região sudoeste do Brasil, revelando a precariedade das condições de trabalho rural e a exploração dos modos de produção capitalista.

## 2 Desenvolvimento

Se pensarmos a partir de uma lógica capitalista, este indicador aponta para uma produção mono agricultora, que visa responder a demanda de um mercado externo ao realizar avanços tecnológicos de produção e, ao mesmo tempo, buscar a preservação das formas de expropriação da mão-de-obra, para que, assim, alcance o máximo possível de lucro por safra utilizando-se de todos os meios e ferramentas disponíveis para este fim (ANDRADE et al., 1994, apud RUMIN et al., 2008).

A mecanização na colheita de cana-de-açúcar, já ocorre em regiões nas quais o tipo de relevo favorece sua aplicação; segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2021) na região Centro-Sul, cerca de 96,6 % da colheita é realizada por máquinas. Em contrapartida, a Região Norte-Nordeste tem apenas 26,7%. Entretanto, as colheitadeiras só cortam a cana-de-açúcar onde o relevo é favorável, os piores talhões são destinados ao trabalhador manual, pois estes talhões encontram-se entre os relevos e o plantio irregular, exigindo do trabalhador um maior esforço. Tal esforço se coloca como um dos motivos da precarização do trabalho nos canaviais. Sem contar que a entrada das máquinas ocasionou o desemprego dos trabalhadores (RUMIN et al., 2008).

É evidente que devido a entrada agressiva da agroindústria no processo produtivo do campo as formas tradicionais de agricultura foram modificadas e, como resultado, os modos de vida comunais foram substituídos por uma forma de organização social e produtiva ordenada pela lógica produtivista da monocultura de exportação,

consequentemente, destruindo as formas de produção agrícola da comunidade local e os conhecimentos ancestrais da cultura (RUMIN et al., 2008). Ainda de acordo com estes autores, outras consequências desta brutal transformação na organização social e no modo de subsistência dessa população são as situações cotidianas de desvalorização e descaso vividas pelos trabalhadores desses canaviais, que implicam na alienação de seu trabalho e exploração de seus corpos.

Posto isso, torna-se possível formular articulações acerca das consequências que a instauração da monocultura traz à vida e saúde dos trabalhadores de canaviais brasileiros através de situações reais expostas no documentário “Linha de Corte”, como a história de Valdeci da Silva Reis, vulgo *Podão de Ouro*. Conforme a fala de Carlita Costa, Valdeci já chegou a cortar 52 toneladas de cana-de-açúcar em um único dia. Este fato nos convida a refletir acerca das motivações que o levaram a se submeter a esta condição extrema de produtividade que culminou em um desgaste corporal intenso e morte prematura.

Rumin et al. (2008, p. 239) apontam para a histórica expropriação e concentração de terras nas mãos da elite agrária e da conseqüente venda de força de trabalho dos trabalhadores do campo, que são submetidos a uma desvalorização social motivada pelo analfabetismo ou baixa escolaridade e ausência de qualificação profissional que restringe suas possibilidades de subsistência, levando-os a migrarem para grandes polos de monocultura em busca de trabalhos que, em sua maioria, não atendem às expectativas mínimas de condições legais e saudáveis, pelo contrário, encontram alojamentos em péssimas condições, trabalho braçal extenuante e circunstâncias extremas que os levam a um desgaste fatal.

Outro fator de desvalorização é a configuração de suas remunerações, que são determinadas pela quantidade de cana-de-açúcar colhida em um dia de trabalho. Como a organização do trabalho se dá por quantidade produzida, os trabalhadores acabam usando o tempo restante do horário de refeição para cortar a cana. Com essa liberdade ilusória e falsa autonomia no trabalho os trabalhadores acabam por não ter, na prática, o tempo que deveria ser destinado a pausas e refeições, já que esses sujeitos, devido ao baixo salário, acabam sendo impelidos a preferirem produzir para ganhar “mais” (RUMIN et al., 2008).

Ainda nesse sentido, ao se discutir sobre a remuneração por produção, os autores (ALMUSSA, 2011; FRANCO-BENATTI, 2016; VERÇOZA, 2015; RUMIN, NAVARRO e PERIOTO, 2008 apud NEVES, 2020) comentam como esse cenário de exploração se intensifica quando entra o uso de substâncias, seja para aumento da produtividade ou mesmo como modo de vazão de afetos estressores, se torna uma marca nos trabalhadores. Chegando ao dilema ético citado no documentário “Linha de Corte” pela doutora Gronau, onde se indaga a questão do uso de substâncias ricas em carboidrato para os cortadores retardarem a parada do trabalho, sendo benéfico à indústria em detrimento da saúde do trabalhador.

O documentário elucida, através dos relatos de Carlita da Costa e a atleta Maria Zeferina, sobre esta perspectiva das remunerações no corte de cana-de-açúcar. A partir do momento que o ritmo de trabalho é conduzido pelo pagamento, aumenta-se a produtividade e, desta forma, atua-se na psique do trabalhador, pois entende-se que se ele trabalhar mais, seu pagamento será proporcionalmente maior (ALVES, 2007 apud RUMIN et al., 2008).

Além das péssimas condições materiais de trabalho, os cortadores de cana também acabam lidando com pressões psicossociais, tais como, “o excesso de controle sobre as atividades, assédios morais, pouco tempo para descanso, poucos espaços de socialização, estímulo à competitividade, ameaças de demissão aos ‘improdutivos’ e premiação dos ‘produtivos’” (COSTA, 2015; FRANCO-BENATTI, 2016 apud RUMIN et al., 2008).

A fala de Pedro Salviano, no documentário “Linha de Corte”, expõe como esses mecanismos afetam a saúde física e mental do trabalhador. Pedro relata sua decisão de optar por não realizar uma cirurgia na coluna, pois deveria se afastar do canavial, passar pelo pós-operatório e usar cadeira de rodas por alguns meses, até sua completa recuperação. Sua situação financeira e social o impossibilitava de escolher por sua saúde em detrimento da produtividade laboral, pois ele era o principal provedor de sua casa e sem o salário do corte de cana-de-açúcar sua família estaria desamparada.

Estes mecanismos sociais de intensificação do trabalho impelem o trabalhador a um estado de tensão psicológica, logo, assim como Pedro, muitos trabalhadores acabam realizando um esforço para além de suas condições físicas, ignorando os sinais e os

riscos que seu corpo alerta, a fim de evitar um afastamento (ALMUSSA, 2011; FRANCO-BENATTI, 2016; VERÇOZA, 2015; RUMIN, NAVARRO e PERIOTO, 2008 apud NEVES et al., 2020).

Outro exemplo citado é o de Antônia, que “de noite, após o ‘sangue esfriar’, sentia dores durante toda a madrugada, o que a impossibilitava de dormir”. Ao sair do ramo de corte de cana-de-açúcar relatou uma melhora em sua saúde, não por completo, pois afirmou ainda sofrer com as sequelas, restrições relacionadas a movimentos repetitivos e carregamento de peso.

Os relatos de Pedro e Antônia retratam como o ritmo acelerado de trabalho acarreta doenças e acidentes. Segundo Rumin et al. (2008), houve um aumento na produtividade do trabalhador da cana-de-açúcar; se partirmos de 1969, quando eram colhidas cerca de três a nove toneladas/homem/dia e compararmos a 2005 que foram colhidas 12 toneladas/homem/dia é evidente que houve a crescente de Pedros, Antônias e Valdecis, trabalhadores que, devido a precarização e a intensidade do trabalho nos canaviais, tiveram suas vidas marcadas por doença(s) e/ou dificuldade(s) que os impossibilitaram de realizar pequenas tarefas do dia-a-dia.

Em vista disso, as maiores problemáticas apresentadas pelos trabalhadores rurais nos âmbitos concernentes à saúde mental, foram: estresse físico e mental, depressão, ansiedade, os TMC (Transtornos Mentais Comuns), suicídios e sofrimento social, segundo Cezar-Vaz et al. (2015); Cezar-Vaz et al. (2016) conforme citado por Neves et al. (2020, p. 234). Nesse sentido, os autores afirmam que as mulheres são as mais acometidas pelos transtornos mentais comuns, enquanto que os homens são maiores vítimas do suicídio.

Vale ressaltar que segundo Cezar-Vaz et al. (2015); Faria et al. (2014); Poletto, (2009); Duarte, (2010); Costa (2014) citados por Neves et al. (2020, p. 240) questões como dores musculares, desgaste físico, distúrbios relacionados ao sono e transtornos psicológicos que acometem essas mulheres, derivam-se das relações sociais advindas das hierarquização e da dominação, assim como do diminuto tempo para o descanso, da ínfima margem de escolha a respeito da manutenção da própria vida, uma vez que são de sua responsabilidade a criação dos filhos, a vida doméstica e o trabalho no campo, tudo somado ao fato de não fazerem parte das discussões e decisões acerca da produção,

das políticas da comunidade e não recebendo o reconhecimento ou remuneração que condizentes ao ser esforço. Aquelas que vendem a sua força de trabalho, também são submetidas aos serviços mais mal remunerados, passageiro, desgastante e inepto, mais uma vez acrescidos de uma sobrecarga, mazelas da vida doméstica, e imposições físicas e psicológicas exacerbadas (LIMA, 2009; ARAÚJO; GREGGIO; PINHEIRO, 2013 apud NEVES et al., 2020).

Uma evidência disto se faz presente na fala de Carlita da Costa quando a mesma diz que “a mulher, depois que para, não é digna de varrer a própria casa”. Pode-se inferir a partir dessa fala a sobrecarga de trabalho sob o corpo da mulher, que além do esforço excessivo empreendido nos canaviais, ainda é incubida das atividades domésticas. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018), as mulheres dedicam 18 horas semanais às atividades domésticas em relação aos homens.

Na população de trabalhadores, a questão étnico racial também se mostra de forma desigual. Como indica Bezerra (2020), a maioria dos operários são negros, do sexo masculino, com déficit escolar e de idade entre 19 a 40 anos. Essa faixa etária se encontra justamente no período em que o corpo tem mais força física, dando conta de uma maior jornada de trabalho e proporcionando mais possibilidades para a exploração por parte da indústria. Os cortadores de cana também veem a questão da falta de estudo como um fator limitante, já que na sociedade capitalista a demanda por nível escolar está cada vez mais alta (BEZERRA, 2020).

### **3 Considerações finais**

De acordo com a bibliografia e o documentário “Linha de Corte”, foi possível perceber e refletir acerca das inúmeras problemáticas que os trabalhadores do campo vivenciam, as quais vão muito além da carga horária de trabalho, com consequências, sejam estas físicas ou psicológicas, que se estendem para os seus momentos fora do campo de trabalho e até mesmo depois que se aposentam. Percebe-se com o documentário como o processo de saúde-doença se implica em um contexto complexo, envolvendo questões sociais, econômicas e políticas, uma vez que a saúde está diretamente relacionada à relação com a sociedade. O processo de adoecimento dos trabalhadores nos canaviais está articulado com o trabalho.

Segundo Rumin, Navarro e Perioto (2008) a deterioração da saúde desses trabalhadores acontece a partir da junção do aumento da intensidade do trabalho ao alto nível de dificuldade da tarefa, que podem acarretar em um crescimento nos quadros de adoecimento referentes à atuação no labor. Apesar de todos esses fatores, os autores elucidam que até mesmo o acesso aos serviços de saúde são negados aos trabalhadores, uma vez que o horário de funcionamento destes dispositivos confluem com o horário de trabalho dos servidores do campo. Continuam explicando, que nenhum movimento é feito por parte dos municípios no intuito de auxiliar a saúde dos trabalhadores, seja por meio de fiscalização, intervindo a partir da vigilância sanitária ou pelo âmbito curativo, proporcionando serviços de atenção à saúde.

Neste sentido, Rumin, Navarro e Perioto (2008) trazem propostas que, a curto prazo, visam proporcionar uma caminhada em direção a melhoria das condições de saúde e trabalho enfrentadas pelos trabalhadores, enquanto, a médio prazo, tencionam realizar projetos que dizem respeito às questões agrárias e aos seus enfrentamentos, assim, como, resoluções a serem feitas a longo prazo. Nesta perspectiva, os autores trazem três propostas que podem ser implementadas a curto prazo, sendo elas: o cumprimento da legislação de proteção ao trabalhador por meio da ação do Estado, realizando operações fiscalizatórias frequentes; que os sindicatos utilizem de sua força e voz para lutarem pelo aperfeiçoamento dos direitos trabalhistas, por melhores salários, que participem de visitas constantes às áreas de trabalho para que, assim, consigam denunciar situações que ocasionam o adoecimento desses servidores e por último, que as instituições que promovem conhecimento, tais como universidades e institutos, produzam pesquisas que objetivem suscitar aprendizados que atuem no sentido de minimizar ou eliminar as consequências do trabalho no campo.

Já a médio prazo, é necessário ações que provoquem a defrontação da questão agrária, esta que se faz de extrema importância no país, uma vez que a partir dela esses trabalhadores, que anteriormente migraram em busca de novas possibilidades de serviço, possam voltar para a sua terra de origem e ali fixar-se, trabalhando a partir de um conceito de não-sucateamento de sua força-de-trabalho. Todavia, ao discutir sobre as ações que devem ser tomadas a longo prazo, Rumin, Navarro e Perioto (2008) explicitam que apenas uma sociedade que não se baseia, primordialmente, na exploração e na dominação social imposta pelas classes dominantes àqueles

considerados de classes “inferiores” propiciará a construção de uma sociedade humanizada e livre de exploração.

## Referências

BEZERRA, Lucas. Dia do cortador de cana ou o trabalho avesso à vida nos canaviais brasileiros: A história do corte de cana confunde-se com a história do Brasil. Brasil de Fato, Recife, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatoe.com.br/2020/01/16/dia-do-cortador-de-cana-ou-o-trabalho-avesso-a-vida-nos-canaviais-brasileiros>. Acesso em: 20 jul. 2021.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. Acompanhamento da Safra Brasileira Cana-de-Açúcar: 1º Levantamento: SAFRA 2021/22. 1. ed. Brasília [s. n.], Maio 2021. 1-56 p. v. 8. ISBN ISSN 2318-7921. *E-book*.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Mulheres dedicam muito mais tempo ao trabalho doméstico, mas a diferença cai. 2018. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34450](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34450). Acesso em 20 jul. 2021.

LAURELL, A. C. La salud-enfermedad como proceso social. Cuadernos Médico Sociales, Cidade do México, n. 19, v. 2, p. 1-11, 1982. Disponível em: <http://www.ccgsm.gob.ar/areas/salud/dircap/mat/matbiblio/laurell.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

LINHA DE CORTE. Direção: Beto Novaes. Produção: Terra Firme, VideoSaúde e MP2 Produções, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JFLM8oZNI4&t=1176s>. 20 jul. 2021.

NETTO, J. P.; BRAZ, M. Trabalho, sociedade e valor. In:\_\_\_\_\_. Economia política: uma introdução crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: <https://artedatoupeira.files.wordpress.com/2013/03/netto-jose-p-trabalho-sociedade-e-valor.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

NEVES, Maelison Silva; PIGNATI; Wanderlei Antônio; PIGNATTI; Marta Gislene; MONTANARI CORRÊA, Marcia Leopoldina. Determinação social do processo saúde-doença mental de trabalhadores rurais no Brasil. Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 7 (14): 231-248, maio a agosto de 2020. ISSN: 2358- 5587. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/9815>. Acesso em: 19 jul. 2021.

RUMIN, Cassiano Ricardo; NAVARRO, Vera Lucia; PERIOTO, Nelson Wanderley. Trabalho e saúde no *agrobusiness* paulista: estudo com colhedores manuais de cana-de-açúcar da região oeste do Estado de São Paulo. Cad. psicol. soc. trab., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 193-207, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151637172008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151637172008000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 jul. 2021.

SOUZA, D. O. A saúde na perspectiva da “Ontologia do Ser Social”. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v.14, n. 2, p. 337-354, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/xBS6dK8rsnCFqZSkFwYPYfk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jul., 2021

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Constitution of the World Health Organization. 46<sup>o</sup> Ed. 2006. Disponível em: [https://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](https://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf). Acesso em: 19 jul. 2021.